



# EM migração EM português

Exílios, retornos, colonizações

---

**Elsa Lechner**

**Graça Capinha**

**Maria Clara Keating**

**ORGS.**

  
ALMEDINA

ces

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra





EM migração  
EM português

## EM MIGRAÇÃO EM PORTUGUÊS: EXÍLIOS, RETORNOS, COLONIZAÇÕES

ORGANIZADORAS

Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating

© Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating, CES e Edições Almedina, 2020

Todos os direitos reservados

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S. A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76-80, 3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net • editora@almedina.net

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Universidade de Coimbra

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal

Tel.: +351 239 855 570 • Fax: +351 239 855 589

www.ces.uc.pt • ces@ces.uc.pt

REVISÃO

Inês Castelhana

DESIGN DE CAPA

XXXXXXXXXX

IMAGEM DA CAPA

XXXXXXXXXX

PAGINAÇÃO

João Jegundo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

XXXXXX/XX

1.ª edição: março, 2020

DEPÓSITO LEGAL

XXXXXX/XX

Este livro resulta do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto «Na Ponta da Língua: Histórias, Memórias e Inovação na Emigração», financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

As opiniões e os dados inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

EM MIGRAÇÃO EM PORTUGUÊS

EM migração EM português: Exílios, Retornos, Colonizações / org. Elsa Lechner,  
Graça Capinha, Maria Clara Keating. – (CES)  
ISBN 978-972-40-8069-7

I – LECHNER, Elsa, 1968-

II – CAPINHA, Graça, 1959-

III – KEATING, Maria Clara, 1964-

CDU 314

# EM migração EM português

Exílios, retornos, colonizações

---

**Elsa Lechner**

**Graça Capinha**

**Maria Clara Keating**

**ORGS.**

*A Coleção CES/Almedina é o instrumento mais visível da produção científica atualmente desenvolvida no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.*

*Procura espelhar a atualidade e a interdisciplinaridade dos debates nas Ciências Sociais e Humanas que marcam a investigação aqui realizada.*

*Disseminar o trabalho de investigação e contribuir para a reflexão científica em curso constituem-se como os seus dois objetivos principais – sempre a partir de perspetivas históricas, culturais, políticas e sociológicas diversas, que não temam abraçar os novos desafios epistemológicos em emergência, sendo exemplo os diálogos com o Sul e desde o Sul.*

*A parceria que está na origem da Coleção procura potenciar as vantagens que resultam do encontro entre a produção científica realizada no CES – enquanto unidade de investigação de excelência reconhecida internacionalmente – e o prestígio das Edições Almedina.*

*Todos os manuscritos submetidos à Coleção CES/Almedina passam por um rigoroso processo de revisão por pares, em sistema de double-blind peer review.*

**Comissão Editorial da Coleção CES/Almedina** – Maria Paula Meneses (Diretora), Catarina Martins, Daniela Nascimento, Graça Capinha, Fernando Fontes, João Arriscado Nunes, João Paulo Dias, José António Bandeirinha, Marta Araújo, Nancy Duxbury, Pedro Hespanha.

*Mais informações em [www.ces.uc.pt/pt/publicacoes/ces-almedina](http://www.ces.uc.pt/pt/publicacoes/ces-almedina)*

# Índice

AGRADECIMENTOS..... 11

INTRODUÇÃO..... 13

*Elsa Lechner, Graça Capinha e Maria Clara Keating*

## PRIMEIRA PARTE

### IDENTIDADE E MEMÓRIA — QUOTIDIANOS

CAPÍTULO 1 — ENTRE LÁ E CÁ: MIGRAÇÃO, OBJETOS  
E MEMÓRIAS ..... 25

*Liliana Azevedo*

CAPÍTULO 2 — EUSÉBIO, AS RUTURAS BIOGRÁFICAS  
NA INUSITADA VIDA DE UM FUTEBOLISTA MIGRANTE ..... 47

*Carlos Nolasco*

CAPÍTULO 3 — O EU, O CORPO, A PALAVRA. IDENTIDADE,  
POSSE E PERTENÇA NO *CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS*,  
DE ISABELA FIGUEIREDO ..... 69

*Marie Claire de Mattia*

CAPÍTULO 4 — SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO. O DRAMA  
DOS EXILADOS POLÍTICOS EM FRANÇA E A OCUPAÇÃO DA CASA  
DOS ESTUDANTES PORTUGUESES EM PARIS NO MAIO DE 68..... 89

*Jacinto Godinho*



SEGUNDA PARTE  
IDENTIDADE E IMAGINÁRIOS — LÍNGUA E LITERATURA

CAPÍTULO 5 — MEMÓRIAS E IMAGENS LITERÁRIAS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL .....	105
<i>Mario Luis Grangeia</i>	
CAPÍTULO 6 — MIGUÉIS, GABRIEL E OS OUTROS — O PONTO DE VISTA DA DISTÂNCIA.....	129
<i>Cátia Sever</i>	
CAPÍTULO 7 — QUANDO A VARIANTE É O QUE IMPORTA: REFLEXÕES PARTILHADAS SOBRE OS USOS E OS SENTIDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA EM BOSTON (MASSACHUSETTS, USA) ....	139
<i>Giuseppe Formato, Graça Índias Cordeiro</i>	
CAPÍTULO 8 — ILSE LIEBLICH LOSA — EXEMPLO DE «EXOFONIA» NA LITERATURA PORTUGUESA .....	163
<i>Rosa Churcher Clarke</i>	
CAPÍTULO 9 — AUTOBIOGRAFIAS LUSO-AMERICANAS DA EMIGRAÇÃO: A HISTÓRIA DELA <i>VERSUS</i> A HISTÓRIA DELE.....	175
<i>Reinaldo Francisco Silva</i>	

TERCEIRA PARTE  
IDENTIDADE E PERFORMATIVIDADES — ARTES

CAPÍTULO 10 — MIGRAÇÕES PORTUGUESAS PARA O BRASIL E RECORDAÇÕES FOTOGRÁFICAS: A REPRESENTAÇÃO DE ETAPAS DE VIDA.....	211
<i>Ana Gandum</i>	
CAPÍTULO 11 — ACORDES FILARMÔNICOS NA GUANABARA — MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO .....	229
<i>Antônio Henrique Seixas de Oliveira</i>	

ÍNDICE

CAPÍTULO 12 — AS CASAS DE BRASILEIROS: ESPAÇOS BIOGRÁFICOS DA EMIGRAÇÃO E DA CULTURA DO INÍCIO DO SÉCULO XX .....	253
<i>Alda Neto</i>	
CAPÍTULO 13 — <i>GANHAR A VIDA</i> , DE JOÃO CANIJO: ENTRE PERDAS E GANHOS, DE CIDÁLIA A ANTÍGONA .....	275
<i>José Manuel Esteves</i>	
POEMA — FOGO NO BUÇACO (AS LEMBRANÇAS DOS PEREGRINOS) .....	285
<i>Paula Neves</i>	
COLABORARAM NESTA OBRA .....	289



## AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer, em primeiro lugar, às colegas e parceiras institucionais do projeto «Na Ponta da Língua: histórias, memórias e novas narrativas na/da emigração», que se juntaram ao nosso estudo da emigração portuguesa e constituíram parte do Conselho Científico do Colóquio Internacional do projeto que está na origem deste livro: as Professoras Deolinda Adão, do Portuguese Studies *Program da Universidade de Berkeley*, na Califórnia; Graça dos Santos, do Departamento de Estudos Lusófonos da Universidade de Paris-Nanterre; Karen Woreman, do Museu da Pessoa; e Kimberly da Costa Holton, do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Rutgers-Newark. Agradecemos igualmente aos demais colegas membros do Conselho Científico do Colóquio, os Professores Jacinto Godinho, José Manuel Esteves, Manuel Antunes da Cunha, Michèle Koven, Onésimo Teotónio de Almeida e Ricardo Correia, que avaliaram connosco as propostas recebidas de vários campos disciplinares e de áreas geográficas; e às Doutoradas Leticia Renault e Rosali Henriques, que apoiaram a organização do colóquio em que surgiram parte dos contributos aqui publicados. Agradecemos ainda, em primeira mão, ao Programa Língua e Cultura Portuguesas, da Fundação Calouste Gulbenkian, pela aprovação do projeto de investigação que está na origem deste volume coletivo. O seu apoio e o seu entusiasmo foram constantes ao longo da realização da pesquisa, bem como na realização do Colóquio e na publicação desta obra.

Este livro é o resultado de um trabalho de equipa que contou com o apoio indispensável do Gabinete de Gestão de Projetos do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, nomeadamente da sua gestora,

Alexandra Ruivo Cordeiro. Contou ainda com o apoio precioso da equipa editorial do Gabinete de Apoio às Publicações do CES, nomeadamente de Ana Sofia Veloso e de Joaquim Veríssimo, responsáveis por parte da revisão da obra. No CES, foram também de grande ajuda, enquanto apoio administrativo à organização do colóquio, Inês Costa (Gabinete de Eventos, Comunicação e Imagem) e Sílvia Lima (CES Lisboa). Agradecemos ainda o sempre gentil e profissional apoio de Maria José Carvalho, Acácio Machado e Inês Sequeira Lima, a equipa da Biblioteca Norte/Sul do CES.

Agradecemos, ainda, os apoios financeiros extra do Fundo de Apoio à Comunidade Científica (FACC) da Fundação para a Ciência e a Tecnologia — que permitiram a vinda da Dra. Karen Worcman de São Paulo — e à Direção do CES.

Este volume não existiria sem os contributos dos vários autores e autoras que nos enviaram os seus textos, mas queremos agradecer também aos demais colegas que submeteram propostas de trabalho. Há muito debate interessante ainda a ser realizado a partir de um olhar interdisciplinar sobre as histórias, memórias e narrativas na/da emigração portuguesa.

## INTRODUÇÃO

*Elsa Lechner*

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

*Graça Capinha*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

*Maria Clara Keating*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Falar hoje da importância dos movimentos migratórios no mundo contemporâneo começa a exigir um processo de desfamiliarização do discurso. A questão está tão presente nas imagens com que somos assoberbadas no nosso quotidiano, que o exercício de verdadeira escuta, que devíamos exigir de nós próprias, se vai esquecendo. Não só porque os meios de comunicação social começam a transformar em espetáculo um fenómeno que põe em causa o sentido da nossa própria humanidade. Não só porque a Academia precisa de encontrar temas de moda, que tragam financiamentos e possibilidades de sobrevivência no frenesim superprodutivo e neoliberal da publicação com um valor de troca, em vez de ver o seu trabalho como exigência de intervenção cidadã na expansão da consciência humana. Não só porque, nunca como hoje, se presenciou uma tão dramática transnacionalização do mercado de trabalho, com todos os avassaladores processos de

desterritorialização e reterritorialização a criarem novas tensões e conflitos naquilo que são as novas hierarquias económicas e sociais a sobrepor-se às de anteriores histórias coloniais e/ou imperiais. Mas sobretudo porque, como diz o poeta e teórico da literatura Charles Bernstein, temos de deixar de acreditar que podemos falar uns com os outros, pois só aí começaremos verdadeiramente a escutar-nos uns aos outros.

Numa outra escala, ecoam as palavras de Virginia Woolf que, reportando-se à sua própria contemporaneidade no início do século xx — a mesma que, de uma forma ou de outra, inaugurava este, então novíssimo, mundo —, considerava, de forma otimista, que novas identidades e um novo ser humano emergiriam da moderna e complexa teia de novas relações sociais; e, mais importante para as suas preocupações de ordem estética e política, considerava ainda que nunca esse novo ser humano fora tão livre para criar.

Digamos, pois, que esta coletânea de textos, talvez de forma um pouco ambiciosa, pretende ir ao encontro das duas premissas enunciadas: por um lado, a necessidade de desfamiliarizar o discurso mais hegemónico sobre as migrações, que nos impede, quase sempre, de escutar o verdadeiramente Outro; e, por outro lado, nessa escuta, tentando tomar o pulso à capacidade de inovação e/ou de expansão da consciência que o processo criativo de abertura de um novo território pode significar. A partir daí, talvez a maior ambição seja a de questionar a velha discussão — já esgotada pelo seu pensamento abissal — sobre as formas de cidadania ao dispor, fazendo uso de uma sociologia das ausências e das emergências, e tentando auscultar atentamente discursos de índole artística e literária para aí procurar escutar novas performatividades da identidade e de cidadania em processo. Muitas vezes, estas surgem a partir de experiências traumáticas — tal como aconteceu com uma migrante em vários territórios do mundo (nascida, de pais portugueses, em Angola, passando pelo Zimbabwe, pela África do Sul, pela Austrália e, finalmente, por Portugal), que, quando participava numa oficina de escrita criativa no âmbito da investigação, conseguiu apenas a linguagem das lágrimas e do silêncio para «escrever» sobre essa identidade e essa cidadania.

Tomamos o caso português como objeto de observação de todos esses processos performativos que, na singularidade da nossa história, nos dão a observar a migração, o exílio, o retorno e a colonialidade — sempre

movimentos dinâmicos de construção histórica de si e do outro; sempre combates de palavras e/ou de formas expressivas, que se movem, agonisticamente, pela complexidade dos meandros de velhas/novas hierarquias económicas, sociais e políticas, para chegar a ancoragens temporárias do sujeito na construção de novas formas e/ou de novos corpos de linguagem.

Os textos aqui publicados surgem a partir dos quatro países participantes do projeto «Na Ponta da Língua: Histórias, Memórias e Inovação na Emigração» (Portugal, Brasil, EUA e França: Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra; Center for Portuguese Studies, da Universidade de Berkeley-Califórnia; Departamento de Estudos Portugueses e Espanhóis, da Universidade de Rutgers-Newark; CRILUS, da Universidade de Paris-Nanterre; e Museu da Pessoa, em São Paulo).

Procurámos, com o projeto e o colóquio, estabelecer um diálogo interdisciplinar sobretudo interessado em visões e em formas criativas de expressão das identidades, daqueles e daquelas que se dizem pertencer a estas comunidades. E indagámos sobre o que significa dizer, para os e as emigrantes com quem ou sobre quem trabalhámos, que se é português(esa). Que histórias, que memórias e que narrativas são produzidas sobre tais formas de pertença? Quem são os intervenientes imediatos e os mais longínquos neste diálogo? Que formas expressivas de identidade e de identificação se inauguram nestes processos?

Os textos aqui apresentados dão-nos a conhecer pesquisas interdisciplinares e criativas, focadas nas pessoas concretas que são os e as migrantes: nas suas histórias, nas suas memórias, nos seus desejos e nos seus projetos de vida, entre Portugal e outros lugares. No seu particular e no seu conjunto, estes textos vão subtilmente instalando estranhamento nos discursos hegemónicos sobre as migrações e abrindo espaços de escuta de novas performatividades da identidade e de cidadania em processo, manifestadas nos próprios processos de autoria destes textos.

Em primeiro lugar, a partir de olhares e de práticas inovadoras — no mundo académico, na comunicação social, na literatura e nas artes, e nas práticas do quotidiano —, os textos dão-nos a escutar vozes de especialistas, mas também de outros e de outras, que se dedicam, a partir da emigração portuguesa, aos temas mais vastos das identidades na diáspora. A experiência da emigração portuguesa desloca-se, assim, de um território simbólico ainda



algo ancorado num centro imaginado a partir de um mito colonial para as dinâmicas de mobilidade e de movimento próprias dos espaços diaspóricos transnacionais permeados por historicidades múltiplas e em jogo no mesmo tempo e lugar.

Em segundo lugar, a língua, a cultura, as manifestações artísticas e materiais de formas e de processos de pertencimento dão conteúdo a esta multiplicidade de análises, centradas em objetos tão distintos como: fotografias de viagem, objetos do quotidiano transportados entre países de origem e de emigração, objetos literários, práticas linguísticas e de ensino da língua no estrangeiro, cinema, memórias, vidas públicas ou icónicas personificadas em «heróis» transnacionais, autobiografias, música, arquitetura, manifestações políticas. Diversificam-se as temáticas, da política à televisão e ao cinema, da fotografia à escultura, dos estudos sobre mulheres aos estudos sobre o corpo e sobre a língua, da literatura à música e à arquitetura.

Em terceiro lugar, assinalam-se nestes trabalhos as diferentes temporalidades focadas — algumas em coabitação — e a sua própria relação, de alguns dos autores e das autoras, com a emigração. A dimensão histórica da emigração portuguesa aparece retratada através de vários textos, assim como a relevância autobiográfica para muitos dos que afirmam o seu lugar de conhecimento a partir da sua identidade de descendentes de portugueses emigrados para países como, por exemplo, a França, a Suíça, o Brasil e os EUA. Ancorados nas próprias experiências pessoais e familiares dos seus autores, estes trabalhos, não só académicos, representam uma nova geração de estudiosos da emigração portuguesa e, nela, uma nova face — uma que resgata a sua experiência (de primeira, segunda ou mesmo terceira gerações) e ressignifica os próprios conceitos de herança e de patrimónios linguístico e cultural.

O eco entre a emigração e outras diásporas, a surpreendente diversidade de objetos e de olhares, assim como a celebração autobiográfica dos temas e das identidades migratórias e diaspóricas dos autores mostram a transversalidade das questões da identidade e da performatividade, essenciais na desconstrução dos discursos dominantes e na auscultação desses outros espaços de escuta.

Três eixos basilares organizam o volume em outras tantas secções: *Identidade e Memória — QUOTIDIANOS, Identidade e Imaginários — LÍNGUA e LITERATURA, Identidade e Performatividades — ARTES.*

Na primeira parte, a reinvenção das identidades na emigração manifesta-se em objetos, temporalidades e construções discursivas de lugares quotidianos, não somente físicos, mas antes imaginados pela textualização da memória atravessada pela História. Partindo das abordagens da cultura material e de uma perspetiva autobiográfica, Liliana Azevedo foca-se, no capítulo 1, em objetos concretos, depositários de memórias e afetos e de laços sociais, e aborda a reconfiguração de espaços de trânsito que estes propiciam, simultaneamente, cá e lá. Usando trechos de entrevistas com emigrantes e ex-emigrantes, a autora aborda o vaivém entre países, o desdobramento de pertenças e as reconfigurações identitárias decorrentes da migração, que se materializam nas práticas de consumo e nos objetos que os migrantes levam consigo. Já no capítulo 2, a memória da história de uma vida, vivida através de Moçambique e de Portugal, por um futebolista de sucesso — Eusébio — materializa-se a partir dos 24 mil conteúdos noticiosos e das mensagens de pesar gerados por altura do seu falecimento, em 2014. É a partir deste acervo que Carlos Nolasco propõe um olhar sociológico inovador, que, analisa a experiência e as ruturas biográficas de Eusébio como uma travessia de temporalidades sobrepostas em modo não-linear. O texto de Nolasco conta a vida de um herói inusitado, cujo corpo foi um lugar e um recurso ideológico atravessado pelas políticas coloniais do império, posteriormente apropriado pela lógica mercantilista do *soccer* norte-americano. O cruzamento das memórias colonial e migratória está presente também no texto de Claire de Mattia, dedicado a uma autora que, não sendo emigrante, escreve sobre a sua mobilidade biográfica e o sentimento de pertença a dois países. No capítulo 3, a autora vê a escrita de *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo, como um ato de fixar memórias nas palavras e no papel. Suturando feridas insanáveis e reconhecendo as responsabilidades próprias e familiares no seio do colonialismo português em Moçambique, o texto desenha, na própria narradora, a presença de inúmeras corporeidades que apontam para uma individualidade e um sentido de pertença fragmentados, quebrados e negados pela História, tal como em qualquer “eu” diaspórico. Já do seu olhar de jornalista, Jacinto Godinho descreve as construções histórica e discursiva do lugar e do espaço das migrações, partindo das memórias de dois grandes grupos de deslocados portugueses em França (exilados políticos e emigrantes económicos) — os residentes da

Casa André de Gouveia, junto de quem o autor fez um filme documentário para a RTP. Em tom de relato de trabalho de campo fílmico, Godinho traz, no capítulo 4, elementos inovadores sobre a importância da reconstrução da memória, censurada, dos resistentes ao salazarismo, assumindo que, nos trabalhos documentais de jornalismo histórico, se faz mais história a partir dos discursos e das representações do que propriamente dos factos.

Assumindo intencionalidades estéticas, poéticas e identitárias, a segunda parte do livro retoma a tensão entre factos e ficções, auscultando a construção simbólica e os imaginários mediados por representações literárias e linguísticas. Colocando em contraponto textos literários, histórias orais de emigrantes recolhidas em seis cidades brasileiras, assim como fontes e documentos oficiais, Mário Granjeira começa, no capítulo 5, por visitar o imaginário do maior fluxo de portugueses dos séculos XIX e XX, que foi a emigração para o Brasil, tendo em vista as dinâmicas de retroalimentação entre as imaginações patentes nas obras de ficção e em vidas concretas, sejam elas pessoais, sociais ou institucionais. Já Cátia Sever parte da crítica textual e literária para demonstrar, no capítulo 6, de que modo a distância (temporal e geográfica) enforma os elementos autobiográficos disseminados no romance *Escola do Paraíso* (1960), de José Rodrigues Miguéis, que, estando distante e emigrado nos Estados Unidos desde 1935, nunca deixou de tentar reconstruir a infância e a juventude lisboetas. Querendo articular a memória e a imaginação, principalmente no que concerne às narrativas centradas no agenciamento e na reconstrução do passado, o texto indaga sobre as limitações que a linguagem impõe ao processo de narrar momentos fundamentais na história pessoal e sobre os mecanismos inerentes à ficcionalização do passado.

As ações identitária e performativa da memória das migrações — seja ela literal ou ficcional — faz-se no exercício de nos tornarmos falantes e/ou escritores em espaços de multilinguismo, onde se negociam os valores simbólicos da(s) língua(s), atravessados pela coabitação de regimes de colonialidade e de diferença. Configurados por passados e projetando futuros, estes valores tornam-se presentes nas aspirações e nas projeções identitárias de várias ordens (nação, colonialidade, classe, sexo ou raça), bem como nas intencionalidades (estética, identitária, institucional, comunitária ou diaspórica, entre outras). Situados em campos distintos, o texto de Giuseppe Formato e Graça Índias Cordeiro cruza com o texto de Rosa Clarke na

reflexão sobre espaços translingues e sobre o exercício — educativo-institucional ou estético-literário — de forjar falantes e variedades linguísticas e, nesse processo, identidades ancoradas na «língua». Sob o olhar cruzado da sociologia e da linguística aplicada, o capítulo 7, de Formato e Índias Cordeiro, dá-nos a ver como, num curso introdutório de português como *língua de herança* (*heritage learners*) numa universidade pública do Estado de Massachusetts, EUA, a adequada aquisição de variedades linguísticas pelos aprendentes se inscreve nas suas subjetividades linguísticas «de herança», configuradas pelos discursos sobre «ser-se falante de português na região de Boston». O texto alerta para a necessidade de procurar outros olhares sociais e pedagógicos para a língua. No capítulo 8, Rosa Clarke dá conta do caso invulgar que a refugiada judia-alemã Ilse Lieblich Losa representa no panorama literário português — o de uma transição de uma esfera cultural e linguística dominante (Alemanha da primeira metade do século xx) para outra, considerada periférica (Portugal durante o Estado Novo). Com base no conceito de «exofonia» — termo que descreve a transição e a adoção consciente de uma outra língua, que não a materna —, Rosa Clarke explica como esta nova falante (e escritora) de português adota a língua portuguesa para a sua própria expressão literária e identitária, em direção oposta à maioria dos escritores portugueses associados às narrativas da emigração, apontando para o efeito que tal terá tido na receção literária e social da escritora alemã. Conversando bem com ideias sociolinguísticas recentes de (trans/multi/poli)língua, a ideia de exofonia permite explicar a relevância desta escritora na literatura portuguesa, pois simultaneamente destaca e integra Ilse Losa numa comunidade de escritores e escritoras que, vivendo em espaços translingues, são celebrados pelo resgate das suas identidades multifacetadas e multiculturais de migrantes com pertenças múltiplas. Esta forma de redenção pelo reconhecimento está também patente no capítulo 9. Numa análise apurada dos temas que emergem das autobiografias escritas por homens e por mulheres luso-americanos, Reinaldo Silva argumenta a favor da sua admissão no cânone da escrita luso-americana, que ele abre à possibilidade de ser escrita tanto em inglês como em português. Neste texto, está patente a luta pelo reconhecimento da experiência migrante portuguesa no sentido da democratização do cânone dos estudos literários e culturais norte-americanos.

Se há lugar para o resgate identitário e performativo, é sem dúvida na experimentação artística. Os textos que compõem a terceira parte desta coleção documentam-no a partir de materialidades, processos criativos e produtores situados em mundos muito diversos — a fotografia quotidiana, a música comunitária, o espaço arquitetónico das «casas dos brasileiros», o cinema. Com base nos estudos artísticos e da fotografia, Ana Gandum analisa, no capítulo 10, as missivas fotográficas de portugueses que migraram para o Brasil até à década de 1970, face à especificidade do fenómeno migratório de Portugal para o Brasil desde finais do século XIX. Tendo em conta alguns imaginários e estereótipos culturais em torno deste fenómeno migratório específico, para Ana Gandum, as fotografias ultrapassam a sua função comunicativa e agem nos afetos e na construção de autoimagens que se distribuem pelas redes familiares transnacionais em três locais geograficamente distantes: Ilha da Madeira — Rio de Janeiro — Boston. Ilustrativas de uma narrativa migrante só na aparência, estas imagens desempenharam (e desempenham ainda) um papel ativo nos processos materiais de identificação em que o meio fotográfico associado à palavra epistolar se revelou uma potente forma de *performance*, de reinvenção e de memorização de «si». Num contributo original sobre a música produzida por emigrantes portugueses no Brasil, o músico e historiador António Seixas cruza, no capítulo 11, as fontes sobre as bandas filarmónicas em Portugal e sobre a migração portuguesa para o Brasil por ele recolhidas entre 2014 e 2018. Foi este cruzamento que permitiu ao autor construir as memórias das bandas filarmónicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro e compreender como esses grupos se têm mantido ativos ao longo de quase cem anos naquela cidade. Já Alda Neto centra a sua atenção, no capítulo 12, nas casas de regressados *brasileiros* que povoam a paisagem do Norte de Portugal. O detalhe arquitetónico e artístico plasma-se — das estátuas que encimam as fachadas destes edifícios às pinturas murais usadas para decorar as paredes da sala de jantar — em cada casa de *brasileiro*, como conjunto de elementos biográficos que rematam e retratam o percurso de sucesso, afirmam os emigrantes na sua terra de origem e projetam-se na edificação de um património social, religioso, habitacional e escolar que se deixa em Portugal. Esta parte culmina com a análise crítica, por José Manuel Esteves, da narrativa fílmica *Ganhar a Vida*, de João Canijo (2001), e também sobre as

representações da identidade da mulher portuguesa numa comunidade da diáspora em França. No capítulo final (capítulo 13), o autor vai bem mais além da manifesta vertente documental e sociológica desta narrativa (a mulher na família, no trabalho, nas relações sociais), para incidir sobre o modo como ficcionalmente se fundem experiências da esfera do privado e da *pólis* (uma mulher portuguesa condenada à lei do silêncio e que um acontecimento trágico retira do mutismo). Demonstrando como a voz da heroína se transcende, porque se inscreve numa comunidade de cidadãos responsáveis e recorrendo aos mecanismos que contribuem para a vertente mítica e trágica da narrativa, José Manuel Esteves resgata a experiência e a voz da personagem para a de uma heroína que atualiza referenciais clássicos no quotidiano da emigração ecoando as vozes de Orfeu, mas sobretudo de Antígona. O volume fecha, assim, com um tom mítico e poético, para o qual contribui o «Bussaco», de Paula Neves — uma poeta filha de emigrantes portugueses em Nova Jérnia —, em modo de epílogo.

Esperamos que esta coletânea possa contribuir para um melhor entendimento da sociedade portuguesa, no seu todo, e da emigração, em particular, oferecendo a escuta das suas ausências e das suas emergências, desfamiliarizando as identidades, sobretudo quando estas se pensam a partir de uma língua, uma cultura e uma memória histórica.

Será que Woolf tinha razão e a maior liberdade criativa destes processos de desterritorialização e reterritorialização (nas migrações, nos exílios, nos retornos, nas colonizações) nos oferece novas memórias, novos imaginários e novas performatividades do real? Depende das novas perguntas que o nosso leitor e a nossa leitora venham a poder formular a partir da leitura desta pequena coletânea de textos.